

Informe Macroeconomia, Indústria e Serviços

Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste – ETENE

ANÁLISE DAS CONTAS REGIONAIS 2010 - 2013

Autor

Antônio RICARDO de Norões Vidal¹

Francisca Crísia Diniz Alves¹

¹ Coordenador de Estudos e Pesquisas do ETENE/BNB; Bolsista de nível superior.

1 INTRODUÇÃO

Este informe analisa as contas regionais 2010 - 2013 divulgadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. As contas regionais do Brasil foram revisadas adotando o ano de 2010 como referência, estando em conformidade com o novo manual System of National Accounts - SNA 2008².

O Produto Interno Bruto do Brasil (PIB), em 2013, foi de R\$ 5,32 trilhões, contra R\$ 4,81 trilhões em 2012. Os cinco maiores estados, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul, concentravam 65,6% do PIB nacional. O PIB do Paraná ultrapassou o PIB do Rio Grande do Sul em 2013 pela primeira vez em todas as séries de contas regionais já divulgadas, passando a ser a quarta maior economia nacional.

Os cinco menores PIBs brasileiros são de estados da região Norte, seguidos por seis estados do Nordeste. Em contrapartida, olhando a variação do PIB no período, observa-se que essas regiões menos desenvolvidas, Norte e Nordeste, cresceram acima da média nacional (9,1%). As regiões Norte e o Centro-Oeste foram as que mais cresceram (13,6%), seguidas pela Nordeste (10,3%), Sul (10,1%) e Sudeste (7,4%).

Além dessa breve introdução e da posterior conclusão, o documento subdivide-se em três seções, buscando avaliar o desempenho econômico no período e mantendo o foco, em alguns momentos, na comparação de 2013 em relação a 2012.

Na primeira seção, estuda-se o desempenho do PIB dos estados brasileiros no ano de 2013, analisando a evolução do grau de concentração da produção entre as regiões, bem como a geração de riqueza pelos estados a partir de um indicador de produtividade desenvolvido pelo ETENE. Na segunda seção, avalia-se o PIB *per capita* dos estados em 2013 e, na terceira seção, buscou-se detalhar o desempenho dos setores econômicos no PIB das regiões e nas unidades federativas do Nordeste.

A análise dos resultados das contas regionais permite que se avalie o desempenho recente da economia brasileira, das regiões e estados, identificando-se ainda os setores mais dinâmicos do País e do Nordeste. Os resultados obtidos permitem também que se verifique a persistência das disparidades espaciais de renda *per capita* no Brasil. As informações e dados gerados no presente informe oferecem valiosos subsídios para a formulação de políticas regionais de desenvolvimento.

2 DESEMPENHO DO PIB

A economia brasileira viveu um ciclo de crescimento econômico no período 2010 - 2013, no valor acumulado de 9,1%. O Produto Interno Bruto – PIB, a preços de mercado acumulado no ano de 2013, apresentou crescimento de 11,1% em relação ao ano de 2012. Observa-se que no período de 2010 a 2013, o incremento anual médio foi de 2,9%. No período em questão, ainda se refletia uma situação em que os largos superávits das contas externas, além dos preços das *commodities*, também sentiam os efeitos benéficos do humor externo favorável às economias emergentes. A partir de 2013 os preços das *commodities* começaram a desabar no mercado internacional e os termos de troca deixam de ser favoráveis ao País. Associado a isso,

² A atualização de uma série de Contas Regionais, usualmente referida como mudança de referência, é, normalmente, compreendida como a atualização dos pesos das atividades econômicas adotados no cálculo do PIB dos estados e de seus componentes a preços constantes de um determinado ano. Quando se realiza a chamada “mudança de referência” incorpora-se, também, nova classificação de bens e serviços, novas fontes de dados, e resultados de pesquisas realizadas, visando ao estabelecimento de marcos estruturais que serão referências para os próximos anos.

políticas expansionistas foram adotadas – indução ao aumento do crédito, redução das taxas de juros e crescimento do gasto público – fazem do período um retrato nada semelhante ao período posterior que estamos e iremos viver, 2014 – 2017, em que o País deve sofrer crescimento acumulado negativo. Segundo o Comitê de Datação de Ciclos Econômicos (Codace, Ibre-FGV), o Brasil entrou em recessão no segundo trimestre de 2014.

Em 2013, a decomposição dos componentes do PIB pela ótica da renda no Brasil³, foi de 43,4% na remuneração do trabalho, 40,9% no excedente operacional bruto (rendimento do capital) e rendimento misto (renda obtida por autônomos e empregadores) e 15,7% em impostos totais. O valor adicionado (VA) representava 85,3% do PIB. Na região Nordeste, a remuneração do trabalho tem peso maior que nas demais. Este fato é corroborado também pelo peso da administração pública nestas unidades da federação⁴. A Região é a que tem o menor peso do excedente operacional bruto e do rendimento misto no PIB pela ótica da renda em 2013, 39,2%. O estado de Pernambuco é o que tem maior peso dos impostos no PIB renda, 15,3%, acima da Bahia e semelhante à região Sul, revelando que tem uma indústria de transformação importante. A Tabela 1 apresenta o PIB pela ótica da renda.

Tabela 1 - Participação dos Componentes do PIB - Ótica da Renda - % - 2013

Estados/Regiões	PIB pela Ótica da Produção		Componentes do Valor Adicionado		
	Valor Adicionado	Impostos sobre o Produto	Remuneração	Outros Impostos/Produção	EOB e RM
Alagoas	90,4	9,6	49,5	0,8	40,1
Bahia	87,0	13,0	45,9	1,0	40,1
Ceará	87,0	13,0	47,4	0,9	38,8
Maranhão	88,7	11,3	43,6	0,7	44,4
Paraíba	88,4	11,6	52,3	0,7	35,4
Pernambuco	85,6	14,4	47,6	0,9	37,1
Piauí	89,0	11,0	53,5	0,6	34,9
Rio Grande do Norte	89,1	10,9	47,9	0,8	40,3
Nordeste	87,5	12,5	47,4	0,9	39,2
Norte	88,5	11,5	42,8	0,9	44,8
Sudeste	84,1	15,9	42,6	1,3	40,2
Sul	85,8	14,2	41,5	1,1	43,2
Centro-Oeste	87,4	12,6	45,9	0,8	40,7
Brasil	85,4	14,6	43,4	1,1	40,9

Fonte: IBGE, contas regionais, 2010-2013. Elaboração dos autores.

Nota: EOB: Excedente operacional bruto; RM: Rendimento misto.

O crescimento do PIB nacional, no período 2010-2013, foi corroborado pela expansão econômica em todas as regiões do País – Norte (13,6%), Centro-Oeste (13,6%), Nordeste (10,3%), Sul (10,1%) e Sudeste (7,4%) – destacando os estados de Mato Grosso (21,9%), Amapá (18,3%), Amazonas (17,3%), Mato Grosso do Sul (17,0%) e Tocantins (16,9%), que tiveram as melhores taxas em suas respectivas regiões. Os estados do Nordeste que apresentaram os melhores resultados foram Paraíba (16,7%), Maranhão (15,7%), Piauí (13,4%) e Pernambuco (12,1%). O estado da Bahia teve o menor crescimento (6,3%).

³ O PIB pela ótica da renda está sendo divulgado pela primeira vez para todos os estados para o período 2010-2013.

⁴ Cabe salientar que, pelos dados do IBGE, observa-se que 42,2 % dos municípios brasileiros (2.349) tinham em 2013 mais do que um terço da sua economia dependente do setor de Administração, Saúde e Educação Públicas e Seguridade Social.

Entre 2010 e 2013, Mato Grosso foi o estado com o maior crescimento acumulado do PIB (21,9%). No mesmo período, 18 unidades da federação cresceram mais que o Brasil (9,1%), aí incluídos todos os estados das regiões Norte, Centro-Oeste e Sul. O Rio de Janeiro teve o pior resultado (5,7%), sendo que todos os estados da região Sudeste ficaram abaixo da média nacional. Já em 2013, num ano em que o PIB brasileiro cresceu 3,0%, 13 estados tiveram desempenhos acima da média nacional. A maior elevação ocorreu no Rio Grande do Sul (8,2%), cujo resultado foi influenciado pelo bom desempenho da agricultura, especialmente das culturas de soja, arroz e milho. O pior resultado ficou com o Espírito Santo (0,1%).

Em 2013, o PIB do Paraná (R\$ 332,84 bilhões) ultrapassou o do Rio Grande do Sul (R\$ 331,10 bilhões), assumindo a quarta posição no ranking. Em relação a 2010, o Paraná foi o estado que mais ganhou participação no PIB nacional, passando de 5,8% para 6,3%. No mesmo período, São Paulo deixou de contribuir com 1,2 ponto percentual (p.p.), passando de 33,3% para 32,1%. Mesmo assim, o Estado ainda representa cerca de um terço da economia nacional. Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul participam com 33,4% em 2013, um ganho de 0,8 p.p. em relação a 2010. Os outros 0,4 p.p. perdidos por São Paulo ficaram com os 22 estados restantes.

Tabela 2 - Variação do PIB: 2010 - 2013 (%)

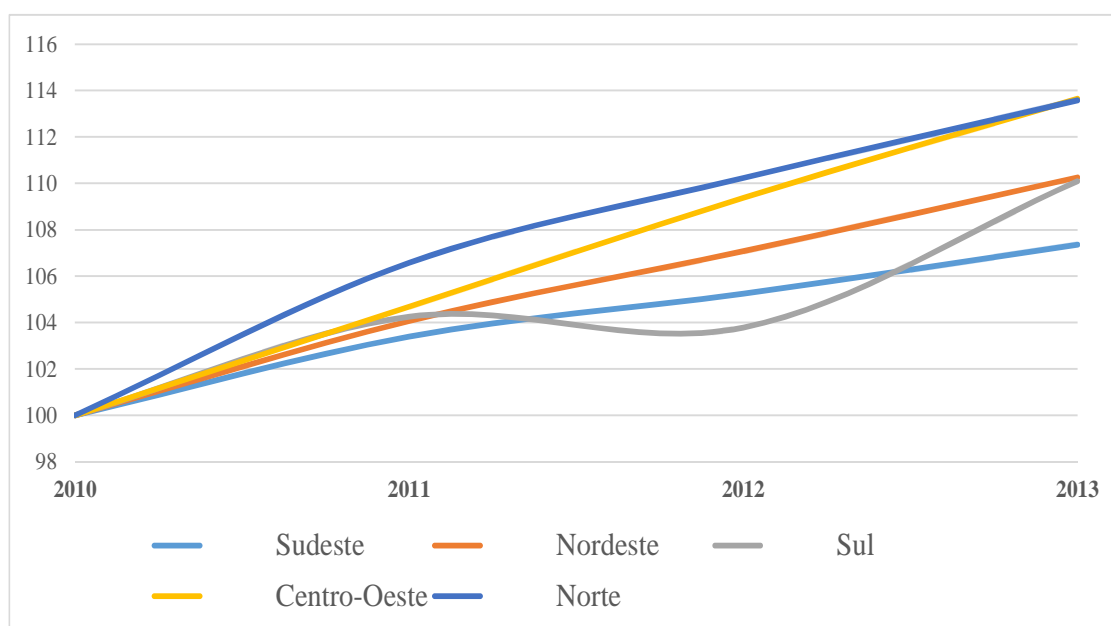
Regiões/Estados	2011	2012	2013	Acumulado
Brasil	3,9	1,9	3,0	9,1
Norte	6,6	3,4	3,0	13,6
Rondônia	5,5	3,1	0,6	9,4
Acre	4,0	6,7	2,0	13,3
Amazonas	10,4	1,8	4,4	17,3
Roraima	3,7	4,7	5,9	15,0
Pará	4,3	3,4	2,8	10,9
Amapá	4,6	9,6	3,2	18,3
Tocantins	8,6	5,1	2,4	16,9
Nordeste	4,1	2,9	3,0	10,3
Maranhão	6,1	4,0	4,8	15,7
Piauí	5,2	5,3	2,4	13,4
Ceará	3,8	1,6	5,0	10,7
Rio Grande do Norte	5,0	1,0	4,0	10,3
Paraíba	6,3	3,8	5,8	16,7
Pernambuco	4,5	4,2	2,9	12,1
Alagoas	4,8	1,8	0,7	7,4
Sergipe	5,0	1,2	1,1	7,4
Bahia	2,1	2,8	1,3	6,3
Sudeste	3,4	1,8	2,0	7,4
Minas Gerais	2,4	3,3	0,4	6,2
Espírito Santo	8,1	-0,6	0,1	7,5
Rio de Janeiro	2,5	1,9	1,2	5,7
São Paulo	3,7	1,5	2,9	8,3
Sul	4,3	-0,4	6,1	10,1
Paraná	4,5	-0,1	5,6	10,2
Santa Catarina	3,5	1,6	3,6	9,0
Rio Grande do Sul	4,4	-2,1	8,2	10,6
Centro-Oeste	4,7	4,5	3,9	13,6
Mato Grosso do Sul	3,5	6,0	6,6	17,0
Mato Grosso	5,9	11,0	3,7	21,9
Goiás	5,9	4,5	3,0	14,0

Distrito Federal	3,7	1,0	3,8	8,6
------------------	-----	-----	-----	-----

Fonte: IBGE (2015).

A evolução da série encadeada do volume do PIB, observada na tabela 2, pode ser representada pelo gráfico 1, a seguir, mostrando a trajetória ascendente de todas as regiões do Brasil no período, com destaque para as Regiões Norte e Centro-Oeste que tiveram a maior taxa de crescimento do País.

Gráfico 1 – Série Encadeada do Volume do PIB



Fonte: IBGE (2013).

Na região Nordeste merecem destaques os estados da Paraíba (16,7%), Maranhão (15,7%), Piauí (13,4%), Pernambuco (12,1%), Ceará (10,7%) e Rio Grande do Norte (10,3%), que cresceram acima do nível do País, fazendo com que a Região, em sua totalidade, também tenha crescido acima da média nacional, apesar do crescimento abaixo da média nacional da economia baiana (6,3%), que apresenta grande peso na composição produtiva do Nordeste. A economia baiana representa 28,3% da economia nordestina em 2013, e o setor de serviços, que representa 70,4% de seu valor adicionado bruto⁵ neste ano, cresceu apenas 1,7%, com relação a 2012. Associado a este fato, houve queda no valor adicionado bruto da agropecuária (-4,3%) e aumento de apenas 0,7% na indústria. Cabe salientar que o crescimento da Região é fortemente influenciado pelo desempenho do setor de serviços, que tem participação média de 72,1% na composição produtiva nordestina.

No estado da Paraíba, os serviços representam 75,9% de participação do valor adicionado bruto do Estado, a indústria 19,7% e a agricultura 4,4%. Nos serviços (4,7%), destaca-se o papel do comércio, que aumentou 7,5% em relação ao ano anterior. Serviços de informação, 11,5%, aluguel, 6,8% e serviços às empresas, 11,9%, são outros resultados do setor de serviços que compensaram o baixo crescimento na administração, saúde e educação pública e seguridade social, 1,1%. Na indústria, que teve um crescimento de 7,2%, com relação ao ano de 2012, os destaques são a extração mineral, 28,8%, eletricidade, 14,0% e construção, 6,5%. A

⁵ Valor adicionado bruto: Valor que a atividade agrega aos bens e serviços consumidos no seu processo produtivo. É a contribuição ao produto interno bruto pelas diversas atividades econômicas, obtida pela diferença entre o valor bruto da produção e o consumo intermediário absorvido por essas atividades. Não inclui os impostos e subsídios. O IBGE não divulgou o PIB por setor.

agropecuária teve o maior crescimento setorial, 13,9%, em que o crescimento relevante foi a agricultura, inclusive apoio à agricultura e à pós-colheita, com incremento de 19,9% com relação ao ano anterior.

A indústria teve grande influência na taxa de crescimento do Valor Adicionado Bruto de 2013, do estado do Maranhão, com avanço de 58,8% em eletricidade e 5,9% na indústria de transformação. Nos serviços, o comércio teve expansão de magnitude semelhante ao crescimento do setor serviços, 3,9% e 3,4%, respectivamente. Ainda no setor de serviços, destacam-se os serviços prestados às empresas, que também apresentou índice de crescimento considerável, na ordem de 13,7%. A agropecuária no Maranhão tem a maior representatividade em relação aos outros estados (10,3% em 2013). Este setor registrou acréscimo de 5,4% em comparação com 2012, com destaque para a agricultura, 6,2%.

Já no Ceará, a agropecuária registrou decréscimo de 2,3%, e a ênfase foi a queda na agricultura, -4,4%. A indústria sofreu acréscimo de 10,3%, com resultados positivos da indústria de transformação, 10,3% e eletricidade, 33,1%. O comércio cresceu apenas 0,3%, mas o resultado do setor de serviços, 3,2% se deu em função dos resultados do setor de transportes, 14,8%, serviços de informação, 16,6%, alugueis, 5,2% e serviços às empresas, 5,0.

Os estados com menor desempenho no valor adicionado bruto em 2013 foram Alagoas e Bahia, com 0,7% e 1,0% de crescimento, respectivamente. Em Alagoas o destaque negativo é a indústria com resultado negativo de 7,9%, da indústria de transformação, -17,3% e construção, -1,0%. O desempenho econômico do Valor Adicionado Bruto da Bahia em 2013 (1,0%), que ficou abaixo da mostrada pela região Nordeste (3,0%), apresentou resultados negativos na agricultura, -7,7%, indústria de transformação, -3,3%, eletricidade, -1,1% e no setor de transportes, -3,1%. Atividades importantes como administração, saúde e educação pública e seguridade social, que representa 28,8% do setor, e comércio, com representação de 19,0% do setor, cresceram apenas 1,5% e 1,7%, respectivamente.

A participação das regiões no Produto Interno Bruto do Brasil é mostrada na Tabela 3. De 2010 a 2013, três Grandes Regiões ganharam participação: Sul avançou 0,5, Nordeste, 0,1; e Norte, 0,2 ponto percentual. A região Sudeste teve a maior queda na contribuição para o PIB, 0,8 p.p. O Centro-Oeste manteve sua participação em 9,1% do PIB brasileiro.

Tabela 3 – Produto Interno Bruto – Participação por Região

Grandes Regiões	2010	2011	2012	2013
Brasil	100,0	100,0	100,0	100,0
Norte	5,3	5,5	5,4	5,5
Nordeste	13,5	13,3	13,6	13,6
Sudeste	56,1	56,1	55,9	55,3
Sul	16,0	15,9	15,9	16,5
Centro-Oeste	9,1	9,1	9,2	9,1

Fonte: IBGE (2015).

Elaboração: ETENE/CEIS.

O Sudeste, em relação a 2010, teve redução de 0,8% na participação do PIB. A perda da Região se deve à queda da participação do estado de São Paulo, -1,2%. Os estados do Rio de Janeiro e Minas apresentaram ganhos de 0,2% e o Espírito Santo ficou estável no período, 2,2%

de participação. No caso de São Paulo, o Estado perde participação a cada ano desde 2010, acompanhando a perda de participação da indústria de transformação.

Com participação de 16,5% do Produto Interno Brasileiro em 2013, a região Sul ganhou em nível de participação no PIB de 2010, 16,0%. Isso se deve ao Paraná que passou de 5,8% de participação para 6,3%, enquanto os outros dois estados mantiveram as mesmas contribuições relativas – Rio Grande do Sul (6,2%) e Santa Catarina (4,0%).

A região Centro-Oeste não ganhou participação em função do resultado do Distrito Federal que perde 0,4 ponto percentual na série. Já os outros estados ganharam peso, Mato Grosso do Sul 0,1 ponto percentual, Mato Grosso 0,2 ponto percentual e Goiás 0,1 ponto percentual.

Na região Norte destaque para o Pará que ganha 0,2 ponto percentual, de 2010 a 2013, resultado determinante para o avanço de 0,2 ponto percentual da região. Todos os outros estados mantiveram suas participações inalteradas desde 2010.

Na região Nordeste destaques para Maranhão, Rio Grande do Norte e Pernambuco que ganham 0,1 ponto percentual de participação, ajudando a região ganhar 0,1 ponto percentual de participação em relação a 2010. No sentido contrário, a Bahia perdeu 0,2 ponto percentual de participação, e foi o estado com a menor variação do PIB no período, 6,3%.

As participações relativas no PIB e na população brasileira para o grupo dos oito maiores estados, região Nordeste e seus estados são apresentados na Tabela 4. Por sua vez, os dados apresentados na coluna 4 da referida tabela podem ser utilizados como uma “*proxy*” para um indicador de produtividade regional/estadual. O indicador relaciona as seguintes variáveis:

$$\frac{(\text{PIB do Estado/ PIB do Brasil})}{(\text{População do Estado/ População do Brasil})}$$

Quando o indicador é maior que um, sinaliza que a participação do PIB estadual, em termos de PIB brasileiro, é maior que a participação da população estadual no total da população do Brasil. Ou seja, a riqueza gerada por habitante, em termos estaduais, é maior que a riqueza gerada por habitante na totalidade do País. Nesse caso, deduz-se que o Estado tem maior produtividade quando comparado com a média do Brasil. Por outro lado, quando o indicador é menor do que uma unidade, conclui-se que a produtividade estadual é menor em comparação com a produtividade média da nação.

Dentre os estados escolhidos, aqueles que pertencem às regiões Sudeste e Sul, apresentam indicador maior que uma unidade, com exceção de Minas Gerais. Assim como o estado mineiro, os estados nordestinos apresentam indicador menor que a unidade.

É importante salientar que, dentre os estados com indicador menor que a unidade, o contingente populacional rural ainda é bastante significativo, especialmente nos estados do Nordeste. Nesses estados, a agricultura familiar é mais relevante, o que contribui para uma menor geração de renda monetária por habitante.

Tabela 4 – Participação Percentual dos Oito Maiores Estados e Nordeste no PIB e População

Estados	Participação PIB (A)	Participação população (B)	(A)/(B)	Participação População Rural
São Paulo	32,1	21,7	1,5	3,4
Rio de Janeiro	11,8	8,1	1,4	2,7
Minas Gerais	9,2	10,2	0,9	15,4
Paraná	6,3	5,5	1,1	12,5
Rio Grande do Sul	6,2	5,6	1,1	15,0
Santa Catarina	4,0	3,3	1,2	15,9
Bahia	3,8	7,5	0,5	24,9
Distrito Federal	3,3	1,4	2,4	4,4
Nordeste	13,6	27,8	0,5	26,3
Pernambuco	2,6	4,6	0,6	18,9
Ceará	2,0	4,4	0,5	26,5
Maranhão	1,3	3,4	0,4	40,8
Rio Grande do Norte	1,0	1,7	0,6	23,5
Paraíba	0,9	1,9	0,4	18,4
Alagoas	0,7	1,6	0,4	28,3
Sergipe	0,7	1,1	0,6	28,1
Piauí	0,6	1,6	0,4	32,5

Fonte: IBGE. Elaboração: ETENE/CEIS.

Nota: 1. No grupo dos maiores estados, inclui-se a Bahia. 2. A população foi estimada para 1º de julho de 2008, segundo os municípios, enviada ao TCU em 31/10/2013 (IBGE). A participação da população rural foi extraída da PNAD, 2014 (IBGE).

3 DESEMPENHO DO PIB *per capita*

No período 2010-2013 o PIB *per capita* brasileiro melhorou. Os dados da Tabela 5 apresentam PIB *per capita* de 2013 de R\$ 26.446,00. O IBGE também divulgou o PIB *per capita* de 2010, R\$ 20.372; observa-se crescimento nominal de 29,8%. O índice de preços do Valor Adicionado Bruto brasileiro no período 2010-2013 foi de 26,8%, logo se tem aumento real do PIB *per capita* de 2,4%. Entre as regiões, no período 2010-2013, a Sul é que teve o maior crescimento nominal do PIB *per capita*, 34,7%, seguida pela Norte, 32,0% e o Nordeste, 31,5%. Na região Nordeste, deve-se evidenciar o crescimento do Maranhão, 41,1%, Pernambuco, 38,3 e o Piauí, 37,4%. O menor avanço foi da Bahia, 23,3%. Como o crescimento do índice de preço do Valor Adicionado Bruto no período foi de 24,5%, houve redução real de 1,0%.

Um resultado interessante a ser mostrado é que as regiões Sudeste (R\$ 34.790), Centro-Oeste (R\$ 32.323) e Sul (R\$ 30.496) obtiveram PIB *per capita* acima da média do País. Cabe observar o crescimento do PIB *per capita* brasileiro em termos reais; ver a última coluna da Tabela. Olhando as regiões, apenas a Sul teve crescimento real do PIB *per capita* com relação a 2012. O PIB *per capita* brasileiro em 2013, a preços de 2012, ficou menor em 0,6% que o PIB *per capita* de 2012. A redução do PIB *per capita* nordestino foi semelhante, 0,5%, em função das reduções na Bahia, -4,5%, Alagoas, -3,4%, Sergipe, -2,8%, Rio Grande do Norte, -0,5% e Pernambuco, -0,2%. Em contrapartida, Ceará, Maranhão, Paraíba e Piauí ganharam poder aquisitivo, suas rendas *per capita* subiram, com relação a 2012, 2,9%, 3,6%, 3,1% e 1,7%, respectivamente.

Segundo dados do IBGE (2012), oito unidades da federação apresentaram o PIB *per capita* acima da média brasileira, que foi de R\$ 26.446: Distrito Federal, São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Paraná, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Neste conjunto, figuram todos os estados da Região Sul, três da Sudeste e três do Centro-Oeste. Com o PIB *per capita* de R\$ 62.859, o Distrito Federal figura como o maior nesse índice, que representa 1,6 vezes o do registrado em São Paulo, da ordem de R\$ 39.122, o segundo maior neste índice.

Muito embora o PIB *per capita* do Nordeste tenha aumentado em termos nominais 7,1%, em que foi superior à média de crescimento nacional neste índice, 6,7%, a região Nordeste continua exibindo o menor PIB *per capita*, apresentando o valor de R\$ 12.955, ficando em torno de 49,0% da média nacional no ano de 2013.

Os estados de Sergipe, Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Norte possuem valores de PIB *per capita* maiores que a média da Região, sendo Sergipe o estado a apresentar maior índice (R\$ 16.026), e possui a menor população do Nordeste.

Os estados do Maranhão e Piauí são os estados com o menor PIB *per capita*, R\$ 9.949 e R\$ 9.812, respectivamente. O Piauí apresenta 37,1% do PIB *per capita* brasileiro e o Maranhão 37,6%. Embora o Maranhão tenha obtido o 17º maior PIB Brasileiro em 2013, e o segundo melhor desempenho da Região em termos de crescimento do PIB, o menor PIB *per capita* deste Estado resulta da variável populacional, onde possui a décima maior população brasileira.

Tabela 5 - PIB, População e PIB *per capita*, Segundo as Grandes Regiões e os Estados do Nordeste – 2013

Regiões/ Estados	PIB - R\$ Milhões		População Residente (1.000 habitantes) ¹	PIB Per Capita (R\$ 1,00)			
	Preços correntes	Preços do ano anterior		Preços Correntes	Preços do ano anterior	PIB 2012	Var. Real %
Brasil	5.316.455	4.950.744	201.033	26.446	24.627	24.780	- 0,6
Sul	878.150	810.296	28.796	30.496	28.139	27.546	2,2
Sudeste	2.938.540	2.740.850	84.466	34.790	32.449	32.943	- 1,5
Centro-Oeste	484.615	461.323	14.993	32.323	30.769	30.781	- 0,0
Norte	292.342	266.628	16.983	17.214	15.700	15.858	- 1,0
Nordeste	722.809	671.647	55.795	12.955	12.038	12.100	- 0,5
Alagoas	37.223	34.872	3.301	11.276	10.564	10.940	- 3,4
Bahia	204.265	184.686	15.044	13.578	12.276	12.858	- 4,5
Ceará	108.796	101.641	8.779	12.393	11.578	11.250	2,9
Maranhão	67.593	63.362	6.794	9.949	9.326	9.006	3,6
Paraíba	46.325	44.933	3.914	11.836	11.480	11.133	3,1
Pernambuco	140.728	131.462	9.209	15.282	14.275	14.309	- 0,2
Piauí	31.240	29.322	3.184	9.812	9.209	9.057	1,7
Rio Grande do Norte	51.446	48.221	3.374	15.248	14.292	14.369	- 0,5
Sergipe	35.193	33.149	2.196	16.026	15.095	15.537	- 2,8

Fonte: IBGE. Elaboração: ETENE/CEIS.

(1) População estimada para 1º de julho de 2013, segundo os municípios, enviada ao TCU em 31/10/2013.

4 DESEMPENHO SETORIAL

A Indústria de transformação foi a atividade econômica que mais perdeu participação no valor adicionado total desde 2010 (-2,7 pontos percentuais). As outras atividades que também perderam peso no valor adicionado foram: Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados (-0,9 ponto percentual), eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação (-0,8 ponto percentual) e informação e comunicação (-0,4 ponto percentual).

Em sentido contrário, a maioria das atividades ganhou participação no valor adicionado do Brasil, com destaque Atividades imobiliárias (1,0 ponto percentual), Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas (0,9 ponto percentual) e Indústrias extrativas (0,9 ponto percentual). A atividade de Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas,

importante para todas as Unidades da Federação, vem ganhando participação a cada ano desde 2010, ao inverso da indústria de transformação. A Construção também cresceu (0,2 ponto percentual), mantendo-se no patamar acima de 6% do valor adicionado bruto total.

A atividade de Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas, importante para todas as Unidades da Federação, vem ganhando participação a cada ano desde 2010. A Construção também cresceu (0,2 ponto percentual), mantendo-se no patamar acima de 6% do valor adicionado bruto total. A Administração, educação, saúde, pesquisa e desenvolvimento públicos, defesa, seguridade social se manteve como a atividade com maior peso no valor adicionado bruto, ganhando 0,2 ponto percentual, desde 2010, o que influenciou nos ganhos de participação dos menores estados brasileiros, já que esses têm boa parte de sua economia apoiada nesta atividade.

A Agricultura, inclusive apoio à agricultura e à pós-colheita ganhou 0,5 ponto percentual de peso no período, influenciada pelo avanço da produção de soja no País. A Pecuária, inclusive apoio à pecuária, apesar de perder 0,2 ponto percentual de participação entre 2010 e 2012, se recuperou em 2013 retornando para o mesmo patamar de 2010

Avaliando os segmentos produtivos do Brasil, percebe-se que o Valor Adicionado Bruto da agropecuária cresceu 8,4% em volume, em comparação com ano de 2012, visualizado na Tabela 6, de modo que tal resultado só foi possível devido às melhores condições climáticas no ano de 2013, na maioria das regiões brasileiras, bem como um cenário internacional mais ameno, em termos das commodities agrícolas.

Todas as regiões do Brasil cresceram no Valor Adicionado da agropecuária, exceto a Nordeste, que não registrou variação. A região Sul obteve o melhor índice 29,0%, seguido da Norte (4,3%), Centro-Oeste (2,9%) e Sudeste (1,8%).

Na Região Nordeste, Sergipe (16,3%), Paraíba (13,9%), Alagoas (8,6), Rio Grande do Norte (6,9%), Maranhão (5,4%) e Pernambuco (1,9%) obtiveram resultados positivos, mas não foram determinantes para a obtenção de um resultado positivo para a Região. A Bahia, -4,3%, Ceará, -2,3% e Piauí, -26,7% contribuíram negativamente para que a Região não gerasse variação em 2013, comparado com 2012.

A evolução significativa da agropecuária do estado de Sergipe em 2013 se deve à agricultura, inclusive apoio à agricultura e à pós-colheita, e à pecuária, que cresceram, 17,6% e 17,8%, respectivamente. Na Paraíba o setor relevante foi a agricultura, inclusive apoio à agricultura e à pós-colheita, com alta de 19,9%. A grande perda da agropecuária do estado do Piauí foi na agricultura, inclusive apoio à agricultura e à pós-colheita, com redução de 36,7% com relação a 2012. A perda na pecuária foi menor, -3,2%. A agricultura tinha participação na agropecuária do estado de 69,3% em 2012, e passou para 59,9% em 2013.

Tabela 6 - Taxa de Variação do Crescimento do Volume do Valor Adicionado Bruto a Preços Básicos, por Atividades Econômicas (%)

Regiões/Estados Atividade	Setores e variação % (2013/2012)			
	Agropecuário	Industrial	Serviços	Total
Brasil	8,4	2,2	2,7	2,9
Centro-Oeste	2,9	5,0	4,0	4,0
Sul	29,0	5,2	3,9	6,1
Sudeste	1,8	1,0	2,2	1,8
Norte	4,3	2,7	2,7	2,9
Nordeste	0,0	2,2	3,0	2,7
Alagoas	8,6	-7,9	2,0	0,7
Bahia	-4,3	0,7	1,7	1,0
Ceará	-2,3	10,3	3,2	4,4
Maranhão	5,4	8,9	3,4	4,7
Paraíba	13,9	7,2	4,7	5,5
Pernambuco	1,9	1,2	3,4	2,8
Piauí	-26,7	5,9	4,0	1,9
Rio Grande do Norte	6,9	-0,2	4,1	3,1
Sergipe	16,3	-8,3	4,5	1,2

Fonte: IBGE (2015). Elaboração: ETENE/CEIS.

A Indústria no Brasil teve crescimento real de 2,2% em 2013, em seu Valor Adicionado Bruto, com relação a 2012, abaixo da variação média, 2,9%. Este resultado foi puxado para baixo pelas indústrias extrativas, -3,0% e o setor de eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação, 1,6%. Tais desempenhos minaram o melhor desempenho do setor das indústrias de transformação, 3,0% e de construção, 4,5%, que representam 74,2% do setor industrial brasileiro.

Ainda sobre a indústria, três regiões cresceram acima da média brasileira – Sul, Centro-Oeste e Norte – já as Regiões Sudeste e Nordeste obtiveram crescimento, abaixo ou similar da média nacional, de 1,0% e 2,2%, respectivamente. Vale ressaltar que as unidades federativas da Região Nordeste tiveram desempenho bastante diversificado no setor em 2013, com o estado Ceará crescendo 10,3, enquanto que Sergipe teve uma indústria em queda de 8,3%, gerando um coeficiente de variação de 3,0.

Na região Nordeste, merecem destaque na indústria, pela grande taxa de crescimento, os estados do Ceará (10,3%), Maranhão (8,9%) e Paraíba (7,2). Os setores com maiores crescimento no Ceará foram as indústrias de transformação (10,3%) e o setor de eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação (33,1%), que juntos representam 62,9% da indústria cearense. No Maranhão, os setores responsáveis são os mesmos do Ceará, com maior ênfase nos setores de eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação (58,8%). O estado da Paraíba tem, também, o setor de eletricidade com o maior crescimento, 14,0%, associado ao setor de construção, 6,5%. As maiores quedas observadas no setor industrial ocorreram em Sergipe e Alagoas. Em Sergipe, em

que as indústrias extrativas têm grande importância, representam 29,2% do setor, cresceram apenas 1,0%. Em contrapartida, o setor de eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação caiu 24,6% e as indústrias de transformação -12,2%. A indústria de Alagoas foi impactada pela drástica redução do desempenho das indústrias de transformação (-17,3%), que representam 39,3% da indústria alagoana.

O setor de serviços no Nordeste cresceu acima da média nacional, 3,0% para 2,7%. Destaque também para as regiões Centro-Oeste (4,0%) e Sul (3,9%) que expandiram acima da média brasileira.

O Comércio (varejista e atacadista) e reparação de veículos automotores e motocicletas, no Brasil, foi a variável de maior peso (19,6%) no índice favorável apresentado pelo setor de serviços, com variação positiva de 3,4%. Seguindo o comércio, as atividades imobiliárias, que têm um peso de 13,1% no setor, cresceram 4,8%. As atividades profissionais, científicas e técnicas, administrativas e serviços complementares, que também são importantes, representam 11,5% do setor, cresceram 3,6%.

No Nordeste, o comércio tem representação no setor de serviços de 20,6% e teve variações positivas em todos os estados, de forma que os melhores índices foram no: Rio Grande do Norte (7,6%), Paraíba (7,5%), Piauí (6,4%), Pernambuco (4,7%), Alagoas (4,2%) e Maranhão (3,9%), com taxas superiores à média regional (3,5%). Bahia, Sergipe e Ceará cresceram muito abaixo dos outros estados da Região, 1,7%, 1,6% e 0,3%, respectivamente.

Examinando sob a ótica da participação dos grandes setores no PIB do Brasil, verifica-se que a agropecuária, no período 2010-2013, ganhou participação na composição do valor adicionado do País, aumento de 0,5%, em comparação ao ano de 2010. Este setor passou a contribuir com 5,3 pontos percentuais do PIB do Brasil no ano de 2013 (Tabela 7). Observando a composição regional do PIB Agropecuário no País, as regiões Sul e Sudeste mantiveram-se com as maiores participações, 29,5% e 23,4%, respectivamente. As duas regiões que perderam participação foram o Sudeste (-3,8%) e Nordeste (-2,9%). Quem mais ganhou participação o Centro-Oeste (2,8%).

Olhando a média do período 2010-2013, quanto à participação do setor agropecuário no PIB de cada estado do Nordeste, observa-se que este setor é representativo para a formação do PIB dos estados do Maranhão e de Alagoas, 11,0% e 10,6%, de seus valores adicionados, respectivamente, acima da média nacional de 5,0%. Além do estado do Maranhão que aumentou na casa de 0,4%, no período, o Piauí e Ceará também cresceram em participação, 0,4% e 0,1%, respectivamente. Em todas as demais unidades federativas a agropecuária perdeu participação no PIB dos estados, com a maior redução no Estado de Alagoas, na margem de 1,6 ponto percentual.

Tabela 7 - Setor Agropecuário – participação no Valor Adicionado Bruto a preços básicos (%)

Regiões ¹ /Estados ²	2010	2011	2012	2013	Média 2010 - 2013
Brasil	4,8	5,1	4,9	5,3	5,0
Centro-Oeste	16,4	18,0	20,7	19,2	18,6
Sul	27,5	25,6	23,6	29,5	26,5
Sudeste	27,2	27,5	27,4	23,4	26,4
Norte	9,7	10,1	10,7	11,5	10,5
Nordeste	19,3	18,8	17,6	16,4	18,0
Alagoas	12,0	10,6	9,5	10,4	10,6
Bahia	7,9	8,2	8,0	7,4	7,9
Ceará	5,1	6,5	4,7	5,2	5,4
Maranhão	11,0	11,2	10,3	11,4	11,0
Paraíba	4,6	5,4	4,1	4,5	4,7
Pernambuco	4,8	4,4	3,6	3,5	4,1
Piauí	6,0	8,4	7,8	6,4	7,1
Rio Grande do Norte	3,6	3,7	3,2	3,2	3,4
Sergipe	6,4	5,2	5,1	5,7	5,6

Fonte: IBGE (2015). Elaboração: ETENE/CEIS.

(1) Participação no PIB do setor;

(2) Participação no PIB de cada Estado.

O setor industrial, no período 2010-2013, teve participação média de 26,4% no Valor Adicionado Bruto brasileiro. Em 2013, houve queda de participação em torno de 2,3 pontos percentuais em relação a 2010. Observa-se redução contínua ao longo do período.

Analisando regionalmente a participação no PIB industrial do País, a região Sudeste manteve seu lugar de destaque, cuja produção industrial contribuiu com 58,6% na média do período. Deve-se ressaltar, contudo, que a hegemonia do Sudeste apresentou leve perda de 0,8% de participação no PIB, no período de 2010 a 2013. A Região Sul é a segunda em participação do PIB industrial figurando uma contribuição média de 17,3% e foi a Região com maior crescimento no período, 0,6%. As regiões Nordeste, Norte e Centro-Oeste participam com índices médios de 11,4%, 6,6% e 6,1%, respectivamente.

Quanto à participação do setor industrial no PIB de cada estado nordestino, este setor é mais relevante na composição do valor adicionado dos estados de Sergipe, Rio Grande do Norte, Bahia, Pernambuco e Ceará, com participação média no período 2010-2013 acima dos 20,0%, mas o estado de Sergipe tem participação média acima da média nacional, 28,7%. Exceto o Maranhão, que aumentou a participação em 2,3% no período 2010-2013, em todas as outras unidades federativas da região Nordeste, a contribuição do setor industrial apresentou redução (Tabela 8). Ressalte-se a significativa perda de participação deste setor em alguns estados do Nordeste, em especial para Bahia (6,6%), Piauí (3,9%) e Sergipe (3,3%), na comparação de 2010 para 2013.

Tabela 8 - Setor Industrial. Participação no Valor Adicionado Bruto a preços básicos (%)

Regiões ¹ /Estados ²	2010	2011	2012	2013	Média 2010 - 2013
Brasil	27,4	27,2	26,1	24,9	26,4
Centro-Oeste	6,1	5,9	6,1	6,3	6,1
Sul	17,1	17,1	17,2	17,7	17,3
Sudeste	58,8	58,7	58,8	58,0	58,6
Norte	6,5	7,1	6,3	6,6	6,6
Nordeste	11,6	11,2	11,6	11,4	11,4
Alagoas	19,3	22,8	20,0	17,6	19,9
Bahia	27,1	23,8	22,1	20,5	23,4
Ceará	21,9	21,3	21,2	20,5	21,2
Maranhão	16,7	18,1	19,7	19,0	18,4
Paraíba	18,2	18,7	19,4	17,9	18,5
Pernambuco	21,9	21,6	22,0	21,6	21,8
Piauí	16,3	16,3	15,3	12,4	15,1
Rio Grande do Norte	23,9	24,6	24,9	23,4	24,2
Sergipe	29,0	29,7	30,5	25,7	28,7

Fonte: IBGE (2015). Elaboração: ETENE/CEIS.

(1) Participação no PIB do setor;

(2) Participação no PIB de cada Estado.

O setor de serviços, no período 2010-2013, foi responsável por 68,6% do Valor Adicionado Bruto brasileiro. Entre 2012 e 2013 o setor aumentou sua participação em 0,8%. À exceção de 2011, o setor vem crescendo continuamente (Tabela 9).

Em relação à composição regional do PIB de serviços brasileiro, continuam a dar maior contribuição, participando na média do período, com 55,8% e 14,9%. O Nordeste tem percentual muito próximo à Região Sul, 14,5%. A Região cresceu sua participação em 0,3%.

Em relação às unidades federativas do Nordeste, apenas Sergipe apresenta contribuição inferior à média nacional para a formação dos seus respectivos PIBs. Destaque para o Piauí (77,8%), Paraíba (76,8%) e Pernambuco (74,1%).

Tabela 9 - Setor Serviços – participação no Valor Adicionado Bruto a preços básicos (%)

Regiões ¹ /Estados ²	2010	2011	2012	2013	Média 2010 - 2013
Brasil	67,8	67,7	69,0	69,8	68,6
Centro-Oeste	10,1	10,0	9,9	9,7	9,9
Sul	14,8	14,7	14,9	15,2	14,9
Sudeste	55,9	56,0	55,7	55,5	55,8
Norte	4,9	4,9	5,0	4,9	4,9
Nordeste	14,4	14,4	14,5	14,7	14,5
Alagoas	68,7	66,5	70,5	72,0	69,4
Bahia	65,0	68,1	69,9	72,1	68,7
Ceará	73,0	72,2	74,1	74,4	73,4
Maranhão	72,2	70,7	70,1	69,6	70,7
Paraíba	77,2	75,9	76,6	77,6	76,8
Pernambuco	73,3	74,0	74,4	74,9	74,1
Piauí	77,7	75,3	76,9	81,3	77,8
Rio Grande do Norte	72,5	71,8	72,0	73,4	72,4
Sergipe	64,7	65,1	64,3	68,6	65,7

Fonte: IBGE (2015). Elaboração: ETENE/CEIS.

(1) Participação no PIB do setor;

(2) Participação no PIB de cada Estado.

5 CONCLUSÃO

As contas regionais do Brasil foram revisadas adotando o ano de 2010 como referência (SCN, 2010). As alterações do SCN-2010 se basearam no System of National Accounts 2008 (SNA 2008), que introduziu não apenas aperfeiçoamentos em determinados conceitos, mas também alterações que podem ter impacto nos resultados do PIB. Alguns sinais das mudanças entre as duas séries podem ser vistas nas participações dos setores para 2010, em que se observa que o setor de serviços foi o único que ganhou participação: Setor Agropecuário – série anterior, 5,3%, nova série, 4,8%; Setor Industrial – série anterior, 28,1%, nova série, 27,4%; Setor Serviços, série anterior, 66,6, nova série, 67,8%.

A economia brasileira viveu um ciclo de crescimento econômico no período 2010 - 2013, no valor acumulado de 9,1%. Observa-se que no período de 2010 a 2013, o incremento anual médio foi de 2,9%, abaixo do PIB potencial, mas ainda refletindo uma situação em que os largos superávits das contas externas, que além dos preços das commodities também sentiam os efeitos benéficos do humor externo favorável às economias emergentes.

Em 2013, a decomposição dos componentes do PIB pela ótica da renda no Brasil, foi de 43,4% na remuneração do trabalho, 40,9% no excedente operacional bruto (rendimento do capital) e rendimento misto (renda obtida por autônomos e empregadores) e 15,7% em impostos totais. O valor adicionado (VA) representava 85,3% do PIB. Na região Nordeste, a remuneração do trabalho tem peso maior que nas demais. Este fato é corroborado também pelo peso da administração pública nestas unidades da federação. A Região é a que tem o menor peso do excedente operacional bruto e do rendimento misto no PIB pela ótica da renda em 2013, 39,2%.

O crescimento do PIB nacional, no período 2010-2013, foi corroborado pela expansão econômica em todas as regiões do País – Norte (13,6%), Centro-Oeste (13,6%), Nordeste (10,3%), Sul (10,1%) e Sudeste (7,4%) – destacando os estados de Mato Grosso (21,9%),

Amapá (18,3%), Amazonas (17,3%), Mato Grosso do Sul (17,0%) e Tocantins (16,9%), que tiveram as melhores taxas em suas respectivas regiões. Os estados do Nordeste que apresentaram os melhores resultados foram Paraíba (16,7%), Maranhão (15,7%), Piauí (13,4%) e Pernambuco (12,1%). O estado da Bahia teve o menor crescimento (6,3%).

O grau de concentração da economia brasileira é muito alto. Os cinco maiores estados, São Paulo (32,1%), Rio de Janeiro (11,8%), Minas Gerais (9,2%), Paraná (6,3%) e Rio Grande do Sul (6,2%), concentravam 65,6% do PIB nacional em 2013, quase 2/3 da economia do País. Em relação a 2010, em função da queda de participação de São Paulo, estes estados sofreram, em média, redução conjunta de 0,1 ponto percentual de participação. Os estados que perderam participação foram São Paulo 1,2 ponto percentual, Distrito Federal 0,4 ponto percentual e Bahia 0,2 ponto percentual. No caso de São Paulo, perde participação a cada ano desde 2010, acompanhando a perda de participação da indústria de transformação. Santa Catarina é o sétimo maior PIB do País, ultrapassando a Bahia, em 2011, agora em oitavo lugar.

Na Região Nordeste merecem destaques os estados da Paraíba (16,7%), Maranhão (15,7%), Piauí (13,4%), Pernambuco (12,1%), Ceará (10,7%) e Rio Grande do Norte (10,3%), que cresceram acima do nível do País, fazendo com que a Região, em sua totalidade, também tenha crescido acima da média nacional, apesar do crescimento abaixo da média nacional da economia baiana (6,3%), que apresenta grande peso na composição produtiva do Nordeste.

No período 2010-2013 o PIB *per capita* brasileiro melhorou. Os dados do IBGE apresentam PIB *per capita* de 2013 de R\$ 26.446,00. O IBGE também divulgou o PIB *per capita* de 2010, R\$ 20.372, observa-se, então, crescimento nominal de 29,8%. O índice de preços do valor adicionado bruto brasileiro no período 2010-2013 foi de 26,8%, logo se tem crescimento real do PIB *per capita* de 2,4%.

A Indústria de transformação foi a atividade econômica que mais perdeu participação no valor adicionado total desde 2010 (-2,7 pontos percentuais). As outras atividades que também perderam peso no valor adicionado foram: atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados (-0,9 ponto percentual), eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação (-0,8 ponto percentual) e informação e comunicação (-0,4 ponto percentual).

Em sentido contrário, a maioria das atividades, ganhou participação no valor adicionado do Brasil, com destaque atividades imobiliárias (1,0 ponto percentual), comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas (0,9 ponto percentual) e indústrias extrativas (0,9 ponto percentual). A atividade de comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas, importante para todas as unidades da federação, vem ganhando participação a cada ano desde 2010, ao inverso da indústria de transformação. A construção também cresceu (0,2 ponto percentual), mantendo-se no patamar acima de 6% do valor adicionado bruto total.

A Agricultura, inclusive apoio à agricultura e à pós-colheita ganhou 0,5 ponto percentual de peso no período, influenciada pelo avanço da produção de soja no País. A Pecuária, inclusive apoio à pecuária, apesar de perder 0,2 ponto percentual de participação entre 2010 e 2012, se recuperou em 2013 retornando para o mesmo patamar de 2010

Todas as regiões do Brasil cresceram no Valor Adicionado da agropecuária em 2013, comparado com o ano anterior, exceto a Nordeste, que não registrou variação. A região Sul obteve o melhor índice 29,0%, seguido da Norte (4,3%), Centro-Oeste (2,9%) e Sudeste (1,8%).

Na região Nordeste, os estados de Sergipe (16,3%), Paraíba (13,9%), Alagoas (8,6), Rio Grande do Norte (6,9%), Maranhão (5,4%) e Pernambuco (1,9%) obtiveram resultados positivos, mas não foram determinantes para a obtenção de um total positivo para a Região. A Bahia, -4,3%, Ceará, -2,3% e Piauí, -26,7% contribuíram negativamente para que a Região não gerasse variação em 2013, comparado com 2012.

A Indústria no Brasil teve crescimento real de 2,2% em 2013, em seu Valor Adicionado Bruto, com relação a 2012, abaixo da variação média, 2,9%. Este resultado foi puxado para baixo pelas indústrias extrativas, -3,0% e o setor de eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação, 1,6%. Tais desempenhos minaram o melhor desempenho do setor das indústrias de transformação, 3,0% e de construção, 4,5%, que representam 74,2% do setor industrial brasileiro.

Ainda sobre a indústria, três regiões cresceram acima da média brasileira: Sul, Centro-Oeste e Norte, já as regiões Sudeste e Nordeste variaram abaixo ou similar da média nacional, de 1,0% e 2,2%, respectivamente. Vale ressaltar que as unidades federativas da região Nordeste tiveram desempenho bastante diversificado no setor em 2013, com o estado Ceará crescendo 10,3, enquanto que Sergipe teve uma indústria em queda de 8,3%, gerando um coeficiente de variação de 3,0.

O setor de serviços no Nordeste cresceu acima da média nacional, 3,0% para 2,7%. Destaque também para as Regiões Centro-Oeste (4,0%) e Sul (3,9%) que expandiram acima da média brasileira.

O Comércio (varejista e atacadista) e reparação de veículos automotores e motocicletas, no Brasil, foi a variável de maior peso (19,6%) no índice favorável apresentado pelo setor de serviços, com variação positiva de 3,4%. Seguindo o comércio, as atividades imobiliárias, que têm um peso de 13,1% no setor, cresceram 4,8%. As atividades profissionais, científicas e técnicas, administrativas e serviços complementares, que também são importantes, representam 11,5% do setor, cresceram 3,6%.

Apesar do melhor desempenho da economia nordestina em relação à média nacional, no período 2010-2013, a região Nordeste continua exibindo o menor PIB *per capita*, ficando em torno de 49% da média nacional. Cabe salientar que o foco das ações estratégicas para reduzir as desigualdades entre a região Nordeste e a média nacional, não deve ser o crescimento do PIB, em termos absolutos, e sim a convergência do PIB *per capita* regional para a média nacional, associado à redução das desigualdades sociais. Observe-se, também, que as desigualdades intrarregionais mantêm-se quase no mesmo patamar, os seis menores estados da Região, ganharam apenas 0,2% de participação no PIB nacional.

Quanto ao indicador de produtividade mostrado neste trabalho, todos os estados da Região apresentaram índice abaixo da média do País. Todavia, vale salientar que o contingente da população rural é expressivo na Região, em grande parte dedicando-se à agricultura de subsistência, o que contribui para uma menor geração de renda monetária por habitante.

REFERÊNCIAS

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Contas Regionais do Brasil: 2010-2013. Coordenação de Contas Nacionais.** Rio de Janeiro: IBGE, 2015. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em dez.2015.